

4-6-2013 – Estado de Minas (MG)

Mais qualidade de vida no trabalho

Carla Sabrina Xavier Antloga - Psicóloga do trabalho, doutora em Psicologia Social, do trabalho e das organizações pela universidade de Brasília, professora adjunta no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da UnB

Assunto em pauta tanto em ambientes de empresas públicas quanto no setor privado, a qualidade de vida no trabalho (QVT) será tema do II Congresso Brasileiro de Qualidade de Vida no Trabalho no Serviço Público Brasileiro, que ocorrerá em agosto (28 a 30), no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília. Sob o “guarda-chuva” da QVT, no entanto, muitas questões têm sido tratadas, com diferentes abordagens.

A corrente hegemônica em vigor no Brasil atual é a linha assistencialista, cuja leitura do trabalhador como “recurso humano” promove uma confusão entre o interesse da organização e o interesse das pessoas e, por consequência, busca maneiras de amenizar os problemas frequentes nos contextos corporativos. O foco, ao final, segue o velho pressuposto de maximizar a produtividade e o lucro, atenuando conflitos e minimizando os efeitos dessa perspectiva sobre os trabalhadores.

Nessa linha assistencialista, empresas fornecedoras de projetos e programas de QVT atuam em diversas frentes, oferecendo desde atividades culturais e de lazer, como canto coral e feiras, até todo tipo de terapias alternativas, como massagens, práticas antiestresse, alongamentos, mapa astral e um sem-fim de novidades no ramo. É o que se pode chamar, criticamente, de “ofurô corporativo”.

Essa linha de ação não leva em conta pesquisas que mostram a insatisfação dos trabalhadores com as condições precárias de trabalho, a desvalorização profissional, a falta de planos de carreira e de outros estímulos. Em especial no serviço público, são comuns os conflitos entre servidor e os usuários-cidadãos, geralmente insatisfeitos – quase sempre com razão – com o mau atendimento, cujas causas, em geral, não são de responsabilidade dos atendentes.

Diante desse quadro, cabe aos especialistas das ciências do trabalho e da saúde e de políticas de gestão repensar a QVT sob novos ângulos, capazes de reverter os focos individualista, assistencialista e produtivista.

A primeira alternativa que se oferece à visão assistencialista hegemônica no campo da QVT inverte a abordagem usual ao levar o problema ao próprio público-alvo – os trabalhadores. A eles se deve perguntar, sem a tentação de “engavetar” as respostas: para você, o que é qualidade de vida no trabalho?

Pesquisas já conduzidas sob esse enfoque apontam um diagnóstico e um sentido de transformação: o trabalhador vê o trabalho como fonte de prazer (com reconhecimento, saúde, segurança e conseqüente eficácia), como valorização do tempo de vida (visto que a maioria das pessoas sente que passa mais tempo

trabalhando do que em sua casa), condições adequadas (incluindo aí iluminação, mobiliário, recursos materiais, local arejado, equipamento e suporte técnico), organização do trabalho (horários, prazos e metas), relações sócio-profissionais saudáveis (relacionamento sem conflitos com colegas, chefias e clientes), reconhecimento e crescimento profissional (divisão justa de trabalho, oportunidade de exercício da capacidade e criatividade de cada um, remuneração).

A partir desses parâmetros, podem-se construir propostas relacionadas à qualidade de vida no trabalho que fujam à linha assistencialista hegemônica, que investe apenas no "ofurô corporativo" e não leva em conta as questões que realmente importam nas relações de trabalho.